

C.I.Ê.N.C.I.A

Amazônia será pesquisada com ajuda de balão

Se a burocracia de nossos órgãos públicos não atrapalhar, a Amazônia começa em julho a ser estudada a bordo de um balão. É um método de pesquisa já conhecido e aprovado na França

Mayrluce Villela

Cientistas estrangeiros e brasileiros estão se preparando para estudar pela primeira vez a Floresta Amazônica do topo - canopo equatorial de suas gigantescas árvores. As pesquisas serão feitas a bordo de um balão provido de uma plataforma que estacionará sobre a copa das árvores, onde se tem a maior concentração de vida animal e vegetal do planeta. Até agora tudo que se conhece baseia-se em pesquisas feitas nas bases dessas centenárias árvores. Mas a expedição, marcada para julho, está correndo o risco de atrasar por causa da burocracia brasileira.

O balão, com sete mil metros cúbicos de ar quente, capaz de sustentar uma plataforma de 500 metros quadrados, conhecidos como Jangada de Cimos, levará uma equipe de seis pesquisadores que, com mais outros 100, ficarão durante três meses na reserva experimental de silvicultura Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Inpa, a 110 quilômetros de Manaus, colhendo o material para estudos.

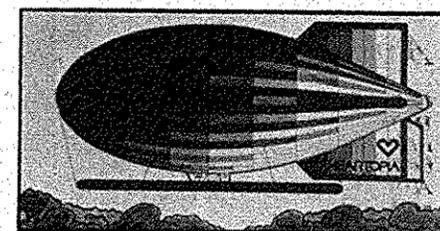
Os cientistas farão pequenos deslocamentos de 300 a 600 metros do

chão da base ao longo do rio Cueiras, afluente do rio Negro, subindo 20 a 30 metros do solo até a plataforma em cadeiras ejetáveis ou comandadas por manivelas.

A iniciativa e o comando da expedição são da Universidade de Montpellier, da França, e será dirigida pelo professor Francis Hallé, 49, botânico e um dos maiores especialistas em florestas equatoriais. Participarão da expedição ingleses, suíços, peruanos, australianos, americanos e pesquisadores dos Países Baixos, além de brasileiros selecionados pelo Inpa.

Serão desenvolvidas pesquisas nas áreas de botânica estrutural das coroas das árvores, flores e folhas; botânica funcional que trata da fotossíntese do canopo; biologia floral que estuda os mecanismos de polinização e da dispersão dos frutos e grãos; zoologia, para conhecer as novas espécies que vivem no canopo, em particular dos insetos, dos macacos e dos morcegos; co-evolução, que estuda as condições bioclimáticas, fazendo do canopo o meio ideal para o desenvolvimento das plantas e dos animais; bioclimatologia que trata do fluxo entre a atmosfera e a floresta, identificando o fluxo de vapor de água e oxigênio e ecologia florestal que estuda a evolução da diversidade genética.

A expedição amazônica terá um custo aproximado de um milhão de dólares, financiado pela Comunidade Econômica Européia e pelo conglomerado financeiro japonês Sankinai, e os resultados científicos serão relatados para o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis e documentados num filme de 70 milímetros sobre a vida biológica na floresta, a ser exibido na Exposição Internacional do Jardim e do Verde, em Osaka, no ano que vem.



Burocracia pode emperrar estudos

As pesquisas "aéreas" na Amazônia dependem da burocracia. Para uma expedição como esta se efetivar o governo brasileiro tem de aprovar e este aval passa por diversos órgãos. O primeiro a autorizar é o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, onde o projeto aguarda o sinal verde. Esse órgão é o responsável legal pela autorização a qualquer tipo de pesquisa técnico-científica estrangeira realizada no Brasil.

Mas o aval do CNPq não é suficiente. Depois de sua aprovação o projeto tem de passar pela Secretaria de Ciência e Tecnologia e, finalmente pela Secretaria de Assessoramento da Defesa Nacional, Saden, onde corre o risco de ser brechado pelo refrão nacionalista "a Amazônia é nossa". Esse pensamento pode ir de encontro a intenção dos cientistas de conhecer melhor para preservar.

Método do balão já é conhecido

Experiência é o que não falta aos pesquisadores que participarão dessa expedição. A maioria deles fizeram uma viagem semelhante em 1985 à floresta de Pilat, na França, e outra em 1986, com a duração de um mês na floresta tropical da Guiana Francesa. O balão utilizado nessas duas expedições era outro bem menor, de apenas 3 mil metros de ar quente, contra os 7 mil do atual.

Depois do Brasil, os técnicos da Universidade de Montpellier irão para o Peru. No ano que vem eles viajam para o sudeste asiático e em 1992 visitam a África. Os cientistas de diversas partes do globo esperam com essas expedições conhecer ecossistemas ainda intocados pelo homem, para tentar minimizar os efeitos predatórios constatados em outras áreas.